



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Caminhos no/para o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa em espaços escolares

Sinop, v. 8, n. 2 (22. ed.), p. 797-812, ago./dez. 2017

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

A LÍNGUA(GEM) ESCRITA POR CRIANÇAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO¹

Graciele Manfro

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT -Brasil

RESUMO

Este estudo tem por finalidade compreender o processo de aquisição da língua(gem) escrita por crianças em processo de alfabetização a partir de um estudo qualitativo de cunho interpretativista numa escola municipal de educação básica em Sinop Mato Grosso em uma sala de primeiro ano do ensino fundamental. Os instrumentos utilizados no levantamento de dados foram observação participante, gravação de áudio e os diagnósticos de escrita. A base teórica está pautada em Luiz Carlos Cagliari, Teresa Cristina Rego, Magda Soares, Roxane Rojo dentre outros. Os resultados apontam que a maioria das crianças no início da pesquisa estavam na hipótese silábico-alfabética e, ao término, estavam na hipótese alfabética, compreendendo assim o funcionamento do sistema de escrita alfabética.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Alfabetização. Língua(gem) escrita.

1 INTRODUÇÃO

Depois que o alfabeto fora inventado, as letras passaram a ter muitas variações gráficas, em que se percebeu que são unidades abstratas e não simplesmente rabiscos, que representam as vogais e as consoantes. Por isso, “não

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **AQUISIÇÃO DA LÍNGUA(GEM) POR CRIANÇAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**, sob a orientação da professora Dra. Leandra Ines Seganfredo Santos, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2017/1.

temos mais um único alfabeto, mas tantos alfabetos quantas forem às formas gráficas que as letras puderem ter” (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 1999, p. 180).

Após o surgimento dessas variações gráficas das letras, o sistema obrigou-se a impor uma categorização gráfica, sendo assim, “passaria a se chamar de letra A toda forma gráfica que fosse aceita como ocupando um lugar nas palavras que a ortografia reserva para a letra A” (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 1999, p. 180). Assim, o alfabeto que era para ser algo simples com apenas 26 letras se torna hoje um sistema bastante complexo, mas ainda é considerado um sistema muito adequado para seu uso, e as tecnologias vêm para reforçar ainda mais esta ideia.

Para estudar as inscrições romanas era preciso levar em consideração a filologia (estudo científico de uma língua) para explicar a paleografia², pois as formas rebuscadas da letra cursiva confundiam muitas das vezes a leitura, exigindo assim, que levasse em consideração a origem da palavra entendê-la como código escrito. Por isso, era necessário, desenhar as letras igualmente, pois caso desenhassem diferente poderia ser considerado um novo código, o que geraria outras interpretações até ser equivocadas (LIMA, 2015).

É isso que vivenciamos hoje nas salas de aula, basta mudar a professora ou a mesma escrever alguma letra diferente do habitual que as crianças já não conseguem identificar qual é a letra, parecendo ser um novo código, com outro som e outro significado. Portanto, Lima (2015, p. 11) afirma que “a escrita feita para segregar na Idade Média continua segregando no século XXI”.

Com o surgimento de novos conceitos como letramentos e multiletramentos a escola precisou mudar a forma de como alfabetiza as crianças, hoje não basta saber ler e escrever, é preciso saber utilizar a leitura e a escrita nas diversas práticas sociais.

O aprendizado da leitura/escrita é um fenômeno social, por isso “devemos trazer para o espaço escolar os usos sociais da escrita e considerar que a vivência e a participação em ato de letramento podem alterar as condições de alfabetização”(LORENZI; PÁDUA, 2012, p. 36). Nesse sentido, a escola precisa propor textos significativos e que façam parte do cotidiano dos alunos, caso contrário

² De acordo com o dicionário *online* Priberam, paleografia, é a arte de decifrar escritos antigos.

a leitura se tornará pouco prazerosa e a aprendizagem prejudicada, pois não conseguirá fazer relação com o meio ao qual está inserido.

Desta maneira, este estudo se apresenta embasado na Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky (1989), pois, para ele a compreensão da linguagem escrita decorre em consequência da linguagem falada, que de início funciona como elo mediador entre a fala e a escrita.

O presente trabalho tem por objetivo compreender o processo de aquisição da língua(gem) escrita por crianças em processo de alfabetização, sendo realizado numa escola municipal de Sinop – MT de agosto a dezembro de 2016. Para a realização do mesmo fora feito um acompanhamento na sala do primeiro ano do ensino fundamental durante três dias por semana realizando quando possível e necessário os diagnósticos de escrita.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ESCRITA: variações e hipóteses

A escrita precisou de muitos anos de evolução para poder ser utilizada pelas pessoas das mais diferentes camadas sociais e pelas diversas culturas existentes. Sua existência deu-se por volta de 3100 a.C. na Suméria, onde havia muita água e pouca floresta, por isso a escrita era feita em tabletas de barro. Com o decorrer do tempo utilizou-se a madeira, o metal e as pedras dos monumentos (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 1999).

A escrita tem seu surgimento ligado à contabilidade, pois as primeiras manifestações de escrita continham números e a figura do que estava sendo contado. Aos poucos, surgiram os nomes dos envolvidos nas transações comerciais, e mais tarde as explicações adicionais, formando textos (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 1999).

Além disso, o desenvolvimento da escrita possibilitou também o registro da cultura oral como um todo: saberes variados, narrativas épicas e religiosas e poemas. “A escrita é fundamentalmente um desenho e, nesse sentido, dá continuidade à antiga experiência humana com o registro figurativo do mundo que observava ou das ações que aí ocorriam”. (FARACO, 2016, p. 54).

“A fonetização da escrita desenvolve-se rapidamente em direção à escrita silábica à medida que o sistema de escrita se desatrela completamente do desenho, passando a trabalhar com sinais inteiramente arbitrários, um para cada sílaba”. (MOLL, 1996, p. 66). Nesse sentido, a escrita é a representação do desenho sonoro das palavras.

Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1991) realizaram o trabalho sobre a Psicogênese da Língua Escrita que influenciou em muito as práticas de alfabetização. Neste estudo evidenciaram que a escrita alfabética não era um código, onde seu aprendizado se daria através de atividades de repetição e memorização. “As autoras propuseram uma concepção de língua escrita como um sistema de notação que, no caso, é alfabético”. (BRASIL, 2012a, p. 16).

A partir desse estudo o aprendizado do sistema de escrita, não correspondia mais somente, ao domínio de correspondências entre grafemas e fonemas, “mas se caracterizaria como um processo ativo por meio do qual a criança, desde seus primeiros contatos com a escrita, construiria e reconstruiria hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita” na qual era compreendida como um sistema de representação (BRASIL, 2008, p. 10).

Sendo assim, as crianças precisam entender que a escrita é a representação da fala, desenhar é diferente de escrever, o texto é escrito com letras que podem repetir-se quantas vezes for necessário, cada letra tem seu som e que letra é diferente de número (NOGUEIRA; SILVA, 2014).

Através desse estudo Ferreiro e Teberosky (1991) definiram quatro hipóteses de desenvolvimento da escrita a partir do momento que o indivíduo compreende a utilidade da escrita. As hipóteses são: pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética.

Na hipótese pré-silábica, “a criança ainda não entende que o que a escrita registra é a sequência de ‘pedaços sonoros’ das palavras”. (BRASIL, 2012b, p. 12). É o período em que começa diferenciar o desenho da escrita, produzindo assim, rabiscos, bolinhas e garatujas, mas que ainda não são letras. A partir do momento em que vai tendo contato com palavras ao seu redor, aí sim passa a usar letras, porém “sem estabelecer relação entre elas e as partes orais da palavra que quer escrever”. (BRASIL, 2012b, p. 12).

Na teoria denominada silábica a criança atribui a cada parte falada uma grafia, ou seja, uma letra escrita. É o momento em que a “escrita representa uma relação de correspondência termo a termo entre a grafia e as partes do falado” (MOÇO, 2009, p. 2). Portanto, neste momento é “o uso de letras sem correspondência com seus valores sonoros e sem relação com as propriedades sonoras da palavra (número de sílabas)”. (SOARES, 2016, p. 65).

Já na hipótese silábico-alfabética é o período de transição do silábico para o alfabético. A criança já escreve alfabeticamente algumas palavras e outras ainda continua ao nível silábico. Já possui a percepção que as sílabas na maioria das vezes possuem duas letras, mas que existem sílabas com mais letras (NOGUEIRA; SILVA, 2014).

Para Nogueira e Silva (2014), na hipótese alfabética o indivíduo apresenta o domínio da relação entre letra-sílaba-som e as regularidades da língua. Conseguir fazer relação sonora das palavras, sua escrita é igual a sua fala, oculta ainda algumas letras quando mistura com o nível anterior.

Como evidenciado anteriormente a criança precisa perceber que a escrita é uma representação da fala, mas que não podemos escrever palavras como pronunciamos. É importante levar o aluno a refletir sua escrita, de modo que consiga perceber seus erros e a comparar com a escrita convencional. A leitura é uma excelente alternativa para levar a criança a ter contato com a escrita convencional e a conhecer as regularidades e irregularidades da língua (NOGUEIRA; SILVA, 2014).

Para Nogueira e Silva (2014) o processo de apropriação da escrita não ocorre em um único passo, mas sim de forma gradativa, aonde o sujeito vai adquirindo concepções, normas, regras, construindo e reconstruindo hipóteses, sendo assim, tem diversas reflexões até chegar à complexidade da escrita.

“É importante colocar a criança em situações de aprendizagem, em que ela possa utilizar suas próprias elaborações sobre a linguagem, sem que se exija dela ainda o domínio das técnicas e convenções da norma culta” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 128).

Para identificar as hipóteses de escrita das crianças um dos instrumentos que pode ser utilizado é o diagnóstico de escrita. Este, de acordo com Mansani (2016, p. 1), “consiste em uma produção espontânea de uma lista de palavras, sem apoio de qualquer fonte e nem intervenção do professor, e pode ser seguida ou não pela

produção escrita de alguma frase”. Sua finalidade é avaliar o desenvolvimento do processo de aprendizagem.

É um importante mecanismo utilizado para que o professor consiga identificar o que cada criança sabe sobre o sistema de escrita alfabética, permitindo assim, identificar quais hipóteses de escrita às crianças têm e partindo disso, adequar o planejamento das aulas de acordo com as necessidades de aprendizagem. Além de conseguir avaliar o que cada criança sabe, serve também como acompanhamento dos seus respectivos avanços nas hipóteses de escrita (MOÇO, 2009).

Esse diagnóstico pode ser realizado no coletivo ou individualmente, em que é preciso escolher quatro palavras do mesmo grupo semântico, seguindo a ordem, primeiro uma palavra polissílaba, trissílaba, dissílaba e monossílaba e por último a frase que contenha alguma palavra mencionada anteriormente, para que assim seja possível verificar se a escrita da criança é estável num contexto diferente (MOÇO, 2009).

2.2 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

Para Soares (2010, p. 47) alfabetização é definida como “a ação de ensinar/aprender a ler e escrever”. Isso quer dizer que em linhas gerais a “leitura, é a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em “sons”, e, na escrita, é a capacidade de codificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos”. (BRASIL, 2008, p. 10).

De acordo com Abreu (2000) a alfabetização não é somente levar a criança a memorizar as correspondências entre letras e sons, empobrecendo assim a aprendizagem da língua. É preciso ir, além, pois isto é apenas uma parte do conteúdo de alfabetização. É necessário levar as crianças aprenderem sobre as letras e também sobre os diversos usos e formas da língua existentes no mundo, que também é um meio essencial para a comunicação.

Porém, hoje só alfabetizar não é mais suficiente, é preciso refletir sobre as práticas de leitura e escrita vivenciadas pela criança no processo de construção de uma aprendizagem significativa com práticas alfabetizadoras eficientes, levando em consideração que a criança está imersa numa sociedade letrada e expostas a diversas situações de leitura e escrita (MORAIS, 2009).

A importância de levar em consideração os usos e funções da escrita para o desenvolvimento de atividades significativas de leitura e escrita na escola, fora incorporado a partir da década de 1990 a um novo conceito o letramento (SANTOS; MENDONÇA, 2007).

De acordo com Soares (2010, p. 47) letramento é “o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita”. A criança mesmo não sendo alfabetizada, já pode estar inserida em processos de letramento, pois realiza a leitura incidental de rótulos, gestos, emoções e imagens. O contato com o mundo letrado vem muito antes das letras e vai além delas (LORENZI; PÁDUA, 2012).

Vivemos numa sociedade letrada, assim para saber ler e escrever é preciso praticar socialmente a leitura e escrita, entendendo suas finalidades de acordo com os variados contextos de letramento. Considerar que alfabetizar letrando é um novo método de alfabetização é errado, é uma ressignificação do sentido da alfabetização com melhorias nas metodologias relacionadas com a aquisição da escrita (MORAIS, 2009).

No processo de aprendizagem do sistema de escrita alfabética a criança passa por algumas hipóteses relacionadas à aprendizagem da linguagem escrita (pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética). Nesse sentido é preciso possibilitar que as crianças se apropriem do sistema de escrita alfabética através de interações com diferentes textos escritos e em atividades significativas de leitura e produção de textos, desde a educação infantil (BRASIL, 2012a).

A aprendizagem da escrita envolve aspectos, como os usos, a natureza da língua escrita e as funções, pois para aprender a escrever é necessário compreender os diferentes usos que os seres humanos fazem da escrita. As pessoas não se utilizam de ditado, completar frases em seu cotidiano. Sua escrita esta voltada para dar ou receber informações, para a comunicação, para questionar, para convencer, para se organizarem no tempo e espaço, ou seja, as crianças precisam entender a função social da escrita (ZORZI, 1998).

2.3 A TEORIA DE APRENDIZAGEM DE VYGOTSKY

Vygotsky utilizou-se dos métodos e princípios do materialismo dialético³ para compreender o aspecto intelectual humano, pois acreditava que através dessa abordagem seria possível descrever e explicar as funções psicológicas superiores (REGO, 2014).

Com relação ao aprendizado escolar Vygotsky (1989) menciona que está voltado para a assimilação de fundamentos do conhecimento científico ou sistemático, onde o conhecimento do cotidiano da criança entra em contato com o conhecimento científico, construído e acumulado pela humanidade, tornando assim, sistematizada a aprendizagem.

Para Vygotsky, a linguagem e o pensamento humano tem sua origem no social, onde a cultura faz parte do desenvolvimento humano e precisa ser levada em consideração nos estudos. É importante ressaltar que Vygotsky não fazia testes em animais, pois para ele os animais não tem vida social e cultural (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

Desta maneira, ele se insere numa perspectiva sociocultural da aprendizagem, pois se entende que o desenvolvimento da aprendizagem do indivíduo ocorre no social, e é considerado como um fator determinante no desenvolvimento humano, ou seja, é a interação que proporciona os meios para prosseguir e se desenvolver (SANTOS, 2009).

Vygotsky chamava a atenção para que tanto a escrita quanto a leitura precisava ser algo de que as crianças de fato necessitassem e que fizessem sentido para elas, sendo assim, valorizada o ensino da linguagem escrita e não a escrita de letras (GOMES; MONTEIRO, 2005).

A representação simbólica na brincadeira é para Vygotsky uma forma particular de linguagem num estágio precoce, que leva diretamente a linguagem escrita. Portanto, é de suma importância que durante o processo de alfabetização, as crianças aprendam tanto o uso e as funções do código escrito, como a linguagem escrita (GOMES; MONTEIRO, 2005).

3 PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DE DADOS

³ **Materialismo dialético** é uma concepção filosófica que defende que o ambiente, o organismo e fenômenos físicos tanto modelam os animais e os seres humanos, sua sociedade e sua cultura quanto são modelados por eles. Ou seja, que a matéria está em uma relação dialética com o psicológico e social.

A pesquisa qualitativa procura interpretar, entender fenômenos sociais inseridos em um determinado contexto. A pesquisa em sala de aula está inserida no campo da pesquisa social podendo ser construída de modo qualitativo que deriva da tradição epistemológica conhecida como interpretativismo (BORTONI-RICARDO, 2008).

O estudo interpretativista tem por finalidade estudar uma situação específica com muitos detalhes e fazer comparação com outras situações. Nesse sentido, é função “da pesquisa qualitativa de sala de aula construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é o contexto por excelência para a aprendizagem dos educandos”. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 41).

Nesse sentido, esta pesquisa em sala de aula, que está voltada para a observação do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, vai registrar de forma sistemática cada sequência de eventos que estão relacionados a essa aprendizagem (BORTONI-RICARDO, 2008 p. 35).

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Educação Básica Aleixo Schenatto, localizada na Rua das Primaveras, 1170, Jardim Jacarandás em Sinop-MT, que atua com o ensino fundamental de 09 anos (1º ao 5º ano), sendo criada pelo Decreto 019 de 27 de março de 1998 (SINOP, 2015).

O início deu-se em agosto de 2016 com término em dezembro do mesmo ano, onde permanecia três dias na semana em sala para acompanhamento das atividades realizadas com as crianças. Através dessa permanência em sala fora possível conhecer um pouco mais cada criança, e como sua vivência influencia em seu desenvolvimento em sala de aula.

Foram realizados seis diagnósticos com as crianças. Os mesmos eram organizados da seguinte forma: escolha de um campo semântico (sendo o mais próximo possível do contexto da criança), as palavras (uma polissílaba, uma trissílaba, uma dissílaba e uma monossílaba), e por último uma frase contendo uma dessas palavras, para verificar se a criança voltava a escrever a palavra da mesma forma. Os mesmos eram realizados no coletivo ou individualmente (dentro da sala mesmo ou no corredor da escola).

Após a realização do primeiro diagnóstico, fora possível conhecer a realidade das crianças dessa turma, em que se constatou que das vinte e cinco crianças que fizeram, seis estavam na hipótese alfabética, faltando apenas dominar as convenções ortográficas (SOARES, 2016). Outras treze estavam na hipótese silábico-alfabética, ou seja, estavam em transição entre o silábico para o alfabético (NOGUEIRA; SILVA, 2014). E as outras seis estavam na hipótese silábica, fazendo a compreensão de que as letras substituem as sílabas pronunciadas (BRASIL, 2012b). Nesse dia, uma criança faltou à aula, não realizando assim o diagnóstico de escrita.

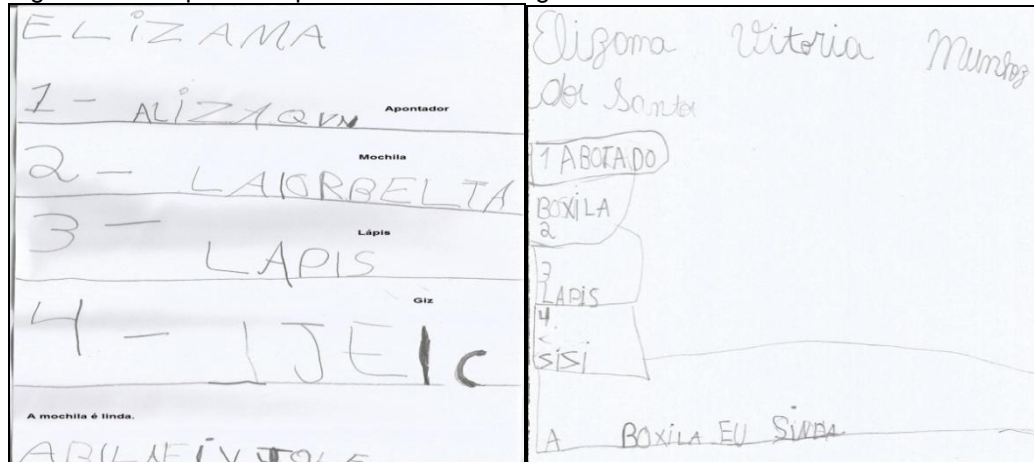
No segundo diagnóstico, duas crianças alteram a hipótese de escrita e as demais permaneceram na hipótese em que estavam (NOGUEIRA; SILVA, 2014). O terceiro diagnóstico foi realizado de forma individual e dentro da sala de aula, para acompanhar o raciocínio e a dificuldade da criança no momento da escrita. Foi muito bom realizar esta atividade, possibilitando entender como a criança realizava o processo de construção da escrita, como reforça Moço (2009) de que a criança constrói diferentes ideias sobre a escrita, além de resolver problemas e elaborar conceituações.

No quarto diagnóstico onze crianças já estavam na hipótese alfabética, sendo que dessas, três avançaram para essa hipótese nesse momento. Outras três também avançaram de hipótese, estavam na silábica e foram para a silábico-alfabética. E as outras oito crianças permaneceram na hipótese em que estavam no diagnóstico anterior, ou seja, silábico-alfabética (NOGUEIRA; SILVA, 2014).

A quinta análise fora realizada individualmente no dia 24 (vinte e quatro) de outubro, porém as crianças foram retiradas uma a uma da sala e enquanto realizavam era feita a gravação da voz para registrarmos o seu processo de aprendizagem da língua escrita. As crianças não foram informadas dessa gravação para não ficarem intimidadas.

O último diagnóstico foi feito por vinte e cinco crianças, das quais dezessete estavam/entraram na última hipótese, ou seja, na alfabética (NOGUEIRA; SILVA, 2014). Fora realizado nas mesmas condições do primeiro, para realizar um comparativo entre o primeiro e o último diagnóstico do aprendizado das crianças na aquisição da escrita.

Figura 1 - Comparativo: primeiro e último diagnóstico



Fonte: Graciele Manfroi, Acervo Particular, 2016.

Na figura 1 pode-se ter uma prévia de como eram realizados os diagnósticos de escrita. Apresentou-se um comparativo da referida aluna do seu primeiro diagnóstico na qual estava na hipótese silábica e no último avançou para a hipótese silábico-alfabética a qual representa um período de transição do silábico para o alfabético. As palavras ditadas foram: apontador, mochila, lápis e giz e a frase era: a mochila é linda. A escolha dessas palavras deu-se por não conhecer a turma no primeiro momento e por serem objetos que fazem parte do cotidiano delas.

A realização destes diagnósticos contribuiu e muito para o desenvolvimento da pesquisa, ainda mais aqueles que foram feitos individualmente, onde era possível acompanhar o processo metacognitivo da criança com relação ao que estava escrevendo, enriquecendo ainda mais a compreensão da aquisição da língua(gem) escrita pelas crianças.

4 CONCLUSÃO

A realização do presente estudo sobre a aquisição da língua(gem) escrita em crianças em processo de alfabetização em uma turma do primeiro ano de alfabetização foi uma experiência gratificante e enriquecedora. Primeiro por ampliar o conhecimento sobre a alfabetização de crianças, bem como a oportunidade de vivenciar como acontece na prática à alfabetização das crianças, principalmente a aquisição da linguagem escrita. Segundo, as reflexões teóricas também contribuíram ainda mais para o conhecimento específico deste contexto social. Terceiro, por

proporcionar aos interessados uma reflexão a respeito desta temática, que por sinal é muito interessante.

A escolha da metodologia qualitativa de cunho interpretativista foi assertiva, pois conseguiu manter contato direto com o campo pesquisado bem como os autores envolvidos nesse processo. Nesse sentido foi possível interpretar e entender os fenômenos sociais inseridos nesse contexto, estudando cada detalhe e relacionando com as discussões teóricas.

Com a realização da pesquisa e com as análises de dados, percebeu que as crianças apresentavam no início do estudo três hipóteses silábicas, sendo, silábica, silábico-alfabética e alfabética. Na hipótese silábica havia cinco crianças aos quais não avançaram de hipótese até o terceiro diagnóstico. Na silábico-alfabética tinha quatorze crianças, das quais duas avançaram para a hipótese alfabética no segundo diagnóstico realizado. E seis crianças estavam na hipótese alfabética, aprimorando até o último diagnóstico as questões da ortografia.

Do quarto diagnóstico até o último (sexto) as crianças apresentaram somente duas hipóteses de escrita, a silábico-alfabética e a alfabética. Sendo que havia dez crianças na silábico-alfabética no quarto diagnóstico. Dessas, quatro avançaram para a hipótese alfabética no sexto diagnóstico. Portanto no final do período de observação, tinha oito crianças na hipótese silábico-alfabética e dezessete crianças na hipótese alfabética. Sendo assim, pode-se dizer que a professora conseguiu fazer com que as mesmas se apropriassem do sistema de escrita alfabética, compreendendo qual é a função social da escrita.

Com a realização deste, estamos apenas iniciando as discussões acerca desta temática. Provocaremos novas discussões e complementaremos muitas outras acerca da aquisição da língua(gem) escrita pelas crianças no início da alfabetização, baseando-se nas práticas sociais da leitura e escrita, tendo em vista que pertencemos a uma sociedade letrada. Sendo assim, consideramos pertinente as reflexões apresentadas, confiando que estamos contribuindo ainda mais sobre essa temática da linguagem escrita.

THE LANGUAGE WRITTEN BY CHILDREN IN THE PROCESS OF LITERACY

ABSTRACT⁴

This study aims to understand the process of acquisition of the written language by children in the process of literacy from a qualitative study of interpretative nature in a municipal school of basic education in Sinop city, state of Mato Grosso in a first year elementary school. The instruments used in the data collection were participant observation, audio recording and writing diagnoses. The theoretical base is based on Luiz Carlos Cagliari, Teresa Cristina Rego, Magda Soares, Roxane Rojo among others. The results indicate that the majority of children at the beginning of the research were in the syllabic-alphabetical hypothesis and, at the end, were in the alphabetical hypothesis, thus understanding the functioning of the alphabetic writing system.

Keywords: Elementary Education. Literacy. Written language.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Rosa et al. **Alfabetização:** livro do professor. Brasília:

FUNDESCOLA/SEF-MEC, 2000. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000591.pdf>. Acesso em: 16 maio 2017.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lurdes Trassi.

Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Pró Letramento:** Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Alfabetização e Linguagem. Brasília, MEC, SEB, 2008.

Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6002-fasciculo-port&category_slug=julho-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 06 jun. 2016.

⁴ Resumo traduzido pela professora Indianara Luzia Peron, graduada em Letras pela Faculdade de Educação e Linguagem, Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Sinop, em 2016. Proprietária e Professora de Inglês na escola New School English.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **Currículo na alfabetização: concepções e princípios: ano 1: unidade 1.** Brasília, MEC, SEB, 2012a. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_1_Unidade_1_MIOLO.pdf. Acesso em: 06 jun. 2016.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **A aprendizagem do sistema de escrita alfabética.** Ano 1: unidade 3. Brasília, MEC, SEB, 2012b. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_1_Unidade_3_MIOLO.pdf. Acesso em: 06 jun. 2016.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo: Scipione, 1990.

COELHO, Sandra Maria. **A alfabetização na perspectiva histórico-cultural.** Acervo Digital da UNESP, 2011. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40139>. Acesso em: 10 maio 2016.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem escrita e alfabetização.** São Paulo: Contexto, 2016.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso; MONTEIRO, Sara Mourão. **A aprendizagem e o ensino da linguagem escrita: caderno do professor.** Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. Disponível em: http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2006%20Aprendizagem_ensino_linguagem_escrita.pdf. Acesso em: 10 maio 2016.

LIMA, Robson. **Leitura em movimento: da letra ao letramento.** Curitiba: Blanche, 2015.

LORENZI, Gislaiane C. C.; PÁDUA, Tainá-Rekã W. Blog nos anos iniciais do fundamental I: A reconstrução de sentido de um clássico infantil. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.p. 35-30.

MANSANI, Mara. 5 Princípios para a hora de pensar numa sondagem na alfabetização. **Nova Escola**, agosto de 2016. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/16/5-principios-para-a-hora-de-pensar-numa-sondagem-na-alfabetizacao>. Acesso em: 08 jun. 2016.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das letras: a escrita na alfabetização.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

MOÇO, Anderson. Diagnóstico na alfabetização para conhecer a nova turma. **Nova Escola**, mar. de 2009. Disponível:

<https://novaescola.org.br/conteudo/2489/diagnostico-na-alfabetizacao-para-conhecer-a-nova-turma>. Acesso em: 06 jun. 2016.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível**: reiventando o ensinar e o aprender. Porto Alegre: Mediação, 1996.

MORAIS Georgyanna A. Silva. **Alfabetização na perspectiva do letramento**: um estudo etnográfico. 2009. 154 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, 2009. Disponível em:
http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/Dissertacao_Georgyanna.pdf. Acesso em: 15 mar. 2016.

NOGUEIRA, Silvana da Silva; SILVA, Priscila Cavalcante. O processo de aquisição da língua escrita: fundamentado em Emília Ferreiro e Ana Teberosky. **VI Fórum Internacional de Pedagogia**, 30 de Julho a 01 de Agosto de 2014. Disponível em:
http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade_2datahora_25_05_2014_18_21_22_idinscrito_449_1fe05d4003b758754f391f52f0020681.pdf. Acesso em: 10 maio 2016.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____, Roxane. Plataforma do Letramento. Roxane Rojo: **Alfabetização e multiletramentos**, 2013. Disponível em:
<http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista-detalle/246/roxane-rojo-alfabetizacao-e-multiletramentos.html>. Acesso em: 10 maio 2016.

SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e letramento**: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Disponível em:
http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Alfabetizacao_letramento_Livro.pdf. Acesso em: 10 maio 2016.

SANTOS, Leandra InesSeganfredo. **Língua inglesa em anos iniciais do ensino fundamental**: fazer pedagógico e formação docente. Tese apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **Letramento**: um tema de três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SINOP. Secretaria Municipal de Sinop. **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal de Educação Básica Aleixo Schenatto**, 2015.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins, 1989.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprender a escrever**: a apropriação do sistema ortográfico. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Correspondência:

Graciele Manfroi. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: gramanfroi@hotmail.com

Recebido em: 17 de novembro de 2017.

Aprovado em: 05 de dezembro de 2017.